

O PAPEL DA AFETIVIDADE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA SOCIEDADE LÍQUIDA

Smailly Henrique Terrão (IC) e Antonio Maspoli de Araújo Gomes (Orientador)

Apoio: PIBIC CNPq

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar o papel da afetividade na construção identitária no contexto da sociedade líquida. A análise seguiu, principalmente, o olhar sobre identidade e sociedade de pensadores como Ciampa e Bauman. Os dados coletados consistiam em três artigos que abordassem o tema identidade e afetividade em seu caráter narrativo. Para a busca pelos artigos foram definidas as bases de dados SciELO e PePSIC. A inclusão dos artigos na pesquisa seguiu critérios previamente concebidos. Nos critérios de inclusão, os artigos deveriam apresentar a palavra “afetividade”, ou similares, no título e/ou resumo e/ou palavra-chave, além de explicitar no resumo aspectos da afetividade vinculados à identidade no âmbito das narrativas. Na análise dos dados utilizou-se do método qualitativo da análise de conteúdo temática de Bardin, seguindo os passos estabelecidos pela autora, ocorrendo a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e interpretação. Através dos dados foi possível observar a influência da afetividade como norteadora de conduta, sendo precursora de manutenções ou interrupções de comportamento.

Palavras-chave: Afetividade. Identidade. Sociedade líquida.

ABSTRACT

This work aims to analyze the role of affectivity in the construction of identity in the context of the liquid society. The analysis followed, mainly, the look on identity and society of thinkers like Ciampa and Bauman. The data collected consisted of three articles that approached the theme of identity and affectivity in its narrative character. For the search for articles, the SciELO and PePSIC databases were defined. The inclusion of articles in the research followed previously designed criteria. In the inclusion criteria, articles should present the word “affectivity”, or similar, in the title and/or abstract and/or keyword, in addition to explaining in the abstract aspects of affectivity linked to identity in the context of the narratives. In the analysis of the data, the qualitative method of the analysis of thematic content of Bardin was used, following the steps established by the author, occurring the pre-analysis, the exploration of the material and the treatment of the results and interpretation. Through the data was possible to observe the influence of affectivity as a conduct guiding, being a precursor of maintenance or behavior interruptions.

Keywords: Affectivity. Identity. Liquid society.

1. INTRODUÇÃO

“Quem é aquele sujeito?” – Essa pergunta tão trivial, geralmente, vem precedida por respostas categóricas como: ele é filho de, trabalha com, casado com, etc. Essas categorias são chamadas de papéis.

Assim como no teatro, a vida cotidiana é repleta de papéis. Os papéis são as personagens representadas por nós no dia-a-dia. Seja por meio de profissões, como carteiros e professores, ou nas relações familiares, como pais e filhos, essas representações sociais estão por todo o lado e podem ser vistas facilmente.

Se voltarmos para a definição e compreensão dos nossos próprios papéis a tarefa se torna mais difícil. Uma pergunta como “quem sou eu?” pode gerar inúmeras e profundas reflexões. Quando nos debruçamos sobre essa atividade, como propõe Ciampa (1989), adentramos no estudo da identidade.

Olhar para o sujeito, como aponta Hall (2014), não é vê-lo como um núcleo estável sem qualquer sombra de mudança, antes, é olhar para a historicidade na qual o mesmo está inserido. Esta historicidade por sua vez, é promotora de constantes mudanças e transformações.

Ao depararmos com o mundo globalizado, o contexto a qual estamos inseridos, percebemos o quanto as rápidas mudanças são comuns ao mesmo. O grande fluxo de informações fruto dos novos meios de comunicação e a flexibilização das fronteiras do mundo que tem provocado, cada vez mais, novas interações culturais, são alguns dos exemplos de fatores sociais que tem causado diversas mudanças no mundo e em seus habitantes. A identidade como compreensão de um sujeito em mudança, ou nos termos de Ciampa (1987/2009) em metamorfose, se torna cada vez mais importante ao olhar para os indivíduos desse mundo de transformações.

Bauman (2005) aponta que junto da globalização vemos o colapso da hierarquia das identidades. Os papéis, que antes eram ditados por estruturas rígidas de sentido, voltam para o sujeito e os sentidos dados pelo mesmo. Essa mudança paradigmática tem trazido novas formas ao “quem sou eu?”. O nascimento de novos papéis identitários tem ocorrido em variados campos da vida humana. Tomando como exemplo os desdobramentos familiares, é possível observar as rápidas e contínuas mudanças. Diferente de décadas passadas, a família, uma das unidades básicas da sociedade, vem migrando de um eixo religioso e contratual para um afetivo, ganhando mais flexibilidade, surgindo, portanto, diferentes modos de ser família.

A afetividade tem se demonstrado presente. Sejam nos novos modos de ser família, nas questões de gênero ou ainda nas diferentes expressões da sexualidade. Ela é vista

como importante parte da subjetividade humana, estando atrelada a novos modos de ser e tem sido alvo de estudos variados em diversas áreas do conhecimento. Surge então um questionamento se dentro de tais estudos tem se observado ligações entre a afetividade e a identidade e quais seriam essas ligações, caso sejam existentes.

O objetivo do presente estudo é analisar o papel da afetividade na construção Identitária na Sociedade Líquida no contexto das narrativas, das representações de papéis vivenciadas pelos sujeitos. Também procuraremos compreender as relações entre afetividade e identidade na sociedade líquida, investigar como a afetividade contribui para a construção da identidade, explicitando o papel da afetividade na construção da identidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Libertar-se das estruturas de sentido proporcionou ao homem modos de ser, antes, inimagináveis. Dessa forma Giddens (2002) aponta que as perguntas: “O que fazer?”; “Como agir?” e “Quem ser?”, são centrais para os indivíduos que vivem, em sua concepção, na modernidade tardia ou, para Bauman (2001), modernidade líquida.

A modernidade líquida, assim como todo processo histórico, trouxe várias mudanças ao universo humano. Mudanças culturais, políticas, religiosas e, possivelmente a mais importante, a mudança do próprio sujeito.

O sujeito líquido possui características identitárias únicas quando contrastado com sujeitos de outras épocas. Agora a construção da identidade se volta ao indivíduo, tornando-se o principal agente da mesma, assim, pois, as suas vivências, motivações, desejos e afeições possuem primazia para a compreensão e formação das suas narrativas. As afeições, ou, por assim dizer, afetividades, constituem uma parte muito importante nas novas narrativas, isso é percebido através de episódios tipicamente contemporâneos como as novas configurações familiares, a trivialização do divórcio, a pluralidade sexual, dentre outros. Tais episódios, como é sugerido por Giddens (1993), representam uma transformação da intimidade e das relações interpessoais, que passaram a ter um foco afetivo diferente de outras épocas. Podemos então acrescentar mais uma pergunta para o homem contemporâneo: O que sentir?

Concernente ao significado da afetividade, Le Breton (2009) entende que:

A afetividade simboliza o clima moral que envolve em permanência a relação do indivíduo com o mundo e a ressonância íntima das coisas e dos acontecimentos que a vida quotidiana oferece sobre uma trama descontínua, ambivalente e inatingível por conta da complexidade de seu mosaico. (LE BRETON, 2009, p.113)

Wallon (1979), compreende a afetividade como a capacidade de ser afetado pelo meio externo ou interno, por sensações agradáveis ou desagradáveis. Ambas as visões

refletem uma afetividade no mundo, como é dito por Merleau-Ponty (1999) o mundo e o sujeito são inseparáveis, de forma que o sujeito é um projeto de um mundo que ele mesmo projeta.

Desta forma, Le Breton (2009) defende que a existência deste homem, que é afetivamente presente no mundo, é como um fio contínuo de sentimentos que se alteram de acordo com as circunstâncias. Bauman (2004) compreende que essas possibilidades de mudança tornam o amor uma hipoteca baseada em um futuro incerto.

Para Bauman (2005) a vida líquida representa uma constante incerteza. Se na modernidade houve extensa produção de sentidos, na modernidade líquida há a desconstrução de cada um deles. Nas palavras do autor: “Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar-fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto” (BAUMAN, 2005, p.35). O sujeito líquido, não é um homem da razão como os iluministas, nem religioso como os medievais, ele é, acima de tudo, uma metamorfose.

Se olharmos para identidade como um fluxo, ou metamorfose, como propôs Ciampa (1987/2009), perceberemos que o abandono das estruturas de sentido permitiu que esse caráter fosse melhor expresso. Os novos modos de ser, devem ser compreendidos, na concepção de Ciampa (1989), não como aspectos fatalistas relacionados ao destino, mas como possibilidades proporcionadas pelas condições históricas vividas.

Hall (2014), em parâmetros similares, defende um conceito de identidade não essencialista, rompendo assim com o ideal de um núcleo estável do eu, que não sofre mudanças ao longo do tempo. Na visão do autor, na contemporaneidade, as narrativas são cada vez mais fragmentadas e fraturadas, sendo sujeitas a uma historicização radical, que se vê constantemente em processo de mudança e transformação.

O caráter metamórfico identitário e a fluidez moderna se unem criando narrativas fluídas, que tem como característica principal a mudança, o vir-a-ser. Em épocas anteriores valores morais, ideológicos ou religiosos eram centrais para a subjetividade, na contemporaneidade tais aspectos são meras partes das inúmeras narrativas possíveis. Há, ainda, uma interessante possibilidade, a coexistência de valores que antes seriam auto excludentes agora convivem mutuamente. Essas contradições para Ciampa (1989) são as unidades básicas da identidade e qualquer tentativa de patologiza-las precisa ser combatida.

Os relacionamentos afetivos também sofreram transformações líquidas. Bauman (2004), utilizando-se da definição da jornalista inglesa Catherine Jarvie, chama as relações afetivas contemporâneas de relações de bolso, para ele as relações líquidas representam

insegurança, devido ao caráter incerto dos afetos. De fato, como já foi dito anteriormente, a insegurança é uma característica pós-moderna, não somente dos afetos, nas palavras do autor: “A solidão produz insegurança — mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá à ansiedade.” (BAUMAN, 2004, p.16).

Por mais inseguras que possam ser as afeições, há o surgimento, cada vez maior, de narrativas com cunho afetivo. Podemos falar das identidades de gênero ou nos novos papéis familiares, ou ainda das narrativas românticas presentes em novelas ou filmes, o fato é que a afetividade faz parte do mundo atual, e também, da dinâmica identitária. Surge então um questionamento: se a afetividade é também um aspecto líquido, marcado por incertezas e contradições, que de alguma forma está ligada a certas narrativas identitárias, não seria ela também aspecto fundante da identidade? Compreender as relações identitárias pode contribuir para um entendimento mais profundo do mundo em que vivemos e dos seus líquidos habitantes.

A identidade, a compreensão do eu, não pode ser entendida como estática ou imutável. Ciampa (1987/2009) aborda a identidade como metamorfose. Para o autor ela é a articulação entre subjetividade e objetividade, uma constante transformação, um fluxo.

Dois aspectos são fundamentais para a construção identitária, são eles: história e sociedade. Como afirma Ciampa:

O problema consiste em que não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo do da sociedade. As possibilidades de diferentes configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações da ordem social (LANE, 1984, p.72)

Não há como fugir do aspecto histórico e social. Portanto, para desenvolver um estudo mais apropriado das identidades, é preciso olhar para estes dois aspectos.

Quando falamos do contexto histórico e social contemporâneo, nos referimos a uma nova modernidade. Uma época onde os esforços modernos, de emancipação e autonomia humana, alcançaram um novo patamar. Um momento histórico, onde as estruturas sociais vêm sendo alteradas. Diversos são os nomes dados a esse período: pós-modernidade, modernidade tardia, alta-modernidade, modernidade líquida.

Bauman (2001) traz a ideia da modernidade líquida a esse processo histórico. Para Bauman, a liquidez é a oposição a solidez. “[...] os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças.” (BAUMAN, 2005. p.57). Há, portanto, uma passagem de uma sociedade concreta e sólida para uma sociedade do fluxo, dos líquidos.

A sociedade líquida, com toda certeza, não nasceu de um dia para outro, ela é fruto do gradativo desmoronamento das sólidas estruturas de sentido. Esse processo, que está atrelado a modernidade, foi acelerado pela globalização, o que permitiu a chegada ao estado atual, o estado líquido.

A liquidez moderna, abraçou várias estruturas do mundo atual. Não só o mercado e meios de produção sofreram mudanças, mas as relações interpessoais e a própria configuração identitária foram alteradas. Com a fluidez, o caráter metamórfico das construções identitárias ganhou um importante reforço. Viver nesse mundo de possibilidades, contribui para que concepções identitárias sólidas sejam substituídas pela fluidez identitária.

Como visto em Ciampa (1984), quanto para Bauman (2005), os aspectos subjetivos da pessoa precisam ser analisados juntamente com o contexto histórico vivenciado. A identidade, em outros tempos, era garantida por estruturas e instituições sociais rígidas. As comunidades tradicionais, o Estado e a Igreja, são exemplos de instituições que cerceavam as narrativas. No contexto líquido, as antigas estruturas de sentido perdem a força voltando a construção identitária para o sujeito. As comunidades emergentes desse contexto, como no caso das chamadas comunidades virtuais, não conseguem fornecer alguma formação plausível para a identidade do sujeito.

Giddens (1991), entende que as mudanças identitárias presentes na contemporaneidade, criam a necessidade da segurança ontológica como uma resposta a falta da confiança fundada nos valores tradicionais. A segurança ontológica “refere à crença que a maioria dos seres humanos têm na continuidade de sua auto-identidade [...]”. Quando essa segurança é colocada em xeque há o surgimento de uma série de ansiedades provocadas por essa crise existencial. Nas palavras de Ciampa (1989):

Quando nossa unidade é percebida como ameaçada, quando corremos o risco de não saber quem somos, quando nos sentimos desagregando, temos o pressentimento de que vamos enlouquecer; aprendemos a ter horror de sermos “outro” [...] (LANE, 1984, p.61)

Um exemplo, tipicamente contemporâneo, dos importantes desdobramentos identitários são as narrativas de cunho afetivo. Esses papéis também vêm sendo alterados na modernidade líquida. O compromisso nos relacionamentos tem perdido lugar para relações mais fluidas e sem perspectivas a longo prazo (Bauman, 2004, p.30). As narrativas românticas, por sua vez, passam a ser regidas por aspectos subjetivos de realização pessoal, sem considerar o compromisso ou propósito, como em épocas anteriores. Esse fenômeno também pode ser observado fora de relacionamentos afetivos.

Há, portanto, a possibilidade, da afetividade ser parte integrante e constituinte dos processos identitários. Segundo Furlan et al. (2014), Ricouer defende que para compreender a identidade de um sujeito é preciso partir de sua própria narração. Para Ciampa (1989), tanto a narração pessoal quanto a narrativa ficcional e as interpretações do sujeito são importantes elementos de análises da identidade. Portanto, para avaliar a interação, afetividade e identidade, também será necessário partir de narrativas pessoais e ficcionais.

3. METODOLOGIA

O presente estudo utilizou-se de uma abordagem qualitativa. Moreira (2002) traça seis características sobre a pesquisa qualitativa. São elas: 1) Foco na interpretação ao invés da quantificação. Sendo comum ao pesquisador qualitativo estar interessado na interpretação dos próprios participantes sobre a situação pesquisada; 2) Ênfase na subjetividade ao invés da objetividade, dando foco a perspectiva dos participantes; 3) Flexibilidade na condução do estudo. Não havendo definições a priori exatas dos caminhos a serem seguidos pela pesquisa; 4) Interesse no processo e não no resultado. Priorizando-se a compreensão e interpretação e não um objetivo pré-ordenado; 5) Atenção especial para com o contexto, sendo este intimamente ligado ao comportamento das pessoas na formação da experiência; e 6) O reconhecimento da influência da pesquisa sobre a situação e também da influência gerada pela pesquisa no próprio pesquisador.

Esse tipo de abordagem é extremamente importante no contexto identitário, em que o sujeito é compreendido como um ser localizado no tempo (história) e no espaço (sociedade). Por meio das relações vivenciadas pelo indivíduo as narrativas e papéis identitários são trazidos à tona. Além disso, o olhar do pesquisador também faz parte de um tempo e espaço.

Os dados analisados consistiam em artigos científicos que abordssem a relação entre as temáticas afetividade e identidade. Os artigos selecionados abordaram tais temas através de narrativas específicas. Diante da importância já comentada, elencada por Ciampa (1989) e Ricouer, Furlan et al. (2014), a escolha dos artigos visou preservar um olhar para as narrativas do sujeito.

Quanto ao processo de escolha do material utilizado, a questão norteadora do estudo consistiu em: “Qual o papel da afetividade na construção identitária?”, sendo definido para a efetivação das buscas as bases de dados SciELO e PePSIC. Os critérios de inclusão adotados foram: a obrigatoriedade do artigo apresentar as palavras “afetividade” e/ou similares no título e/ou resumo e/ou palavra-chave, explicitando no resumo aspectos da afetividade vinculados à identidade no âmbito das narrativas (representação de papéis,

papéis de gênero, identidade de gênero, entre outros). Como critérios de exclusão foram estabelecidos: teses, dissertações e editoriais.

Dessa forma, três artigos foram utilizados. As publicações foram efetivadas entre os anos de 2009 e 2018, e todos as publicações foram feitas em periódicos de psicologia, como visto na Tabela 1. O número reduzido de artigos utilizados reflete ao baixo número de pesquisas realizadas sobre a temática estudada.

Tabela 1 Detalhamento geral dos artigos que compuseram a amostra.

Título	Autor/ Ano de Publicação	Palavra-chave/Descritor	Periódico
Política afirmativa racial: polêmicas e processos de identidade do cotista universitário	Nery & Costa (2009)	afetividade; participação política; universidade; sociometria	Psico-USF
A afetividade como traço da constituição identitária docente: o olhar da psicologia	Souza, Petroni & Andrada (2013)	psicologia histórico-cultural; afetividade; identidade docente; sentidos	Psicologia & Sociedade
A motivação para a interrupção ou uso de crack em gestantes e puérperas	Silva & Queiroz (2018)	uso de drogas; motivação; afetividade; gestação; puerpério; crack	Revista Subjetividades

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para a apuração de dados utilizou-se a análise temática de conteúdo segundo o proposto por Bardin (2004). Esse modelo é dividido em três etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados e interpretação. Na primeira fase ocorreu a organização do material que seria utilizado, empregando a leitura flutuante de forma exaustiva. Em sequência, como orienta Bardin (2004), houve um recorte temático sendo seguido do processo de codificação, decomposição ou enumeração dos dados. Por fim, os dados codificados foram agrupados em quatro categorias suficientemente densas para que assim fosse feita a análise a partir do olhar teórico adotado. As quatro categorias estabelecidas foram: A afetividade vista como norteadora de conduta; Afetividade vista como parte constituinte dos processos identitários; Afetividade vista como sendo influenciada por um contexto específico e a Coexistência paradoxal de afetos negativos e positivos.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

O tratamento dos artigos analisados pautou-se pela análise das temáticas mais relevantes que emergiram durante a exploração do material e que respondiam o objetivo inicial da pesquisa. Esse processo analítico trouxe a junção de quatro categorias temáticas, já citadas, a saber: A afetividade vista como norteadora de conduta; Afetividade vista como parte constituinte dos processos identitários; Afetividade vista como sendo influenciada por

um contexto específico e a Coexistência paradoxal de afetos negativos e positivos. A distribuição temática presente em cada artigo pode ser vista na Tabela 2.

Tabela 2 Categorias temáticas presentes nos artigos

CATEGORIAS TEMÁTICAS	ARTIGOS
A afetividade vista como norteadora de conduta	Nery & Costa (2009), Souza, Petroni & Andrada (2013), Silva & Queiroz (2018)
A afetividade vista como sendo influenciada por um contexto específico	Nery & Costa (2009), Souza, Petroni & Andrada (2013)
A Afetividade vista como parte constituinte dos processos identitários	Nery & Costa (2009), Souza, Petroni & Andrada (2013)
Coexistência paradoxal de afetos negativos e positivos	Souza, Petroni & Andrada (2013)

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1. A afetividade vista como norteadora de conduta

Os artigos permitiram identificar uma relação entre a conduta e a afetividade. Essa relação é vista na motivação ou desmotivação para a realização de determinados atos. A afetividade, por exemplo, apresenta desempenhar um papel na motivação da conduta do docente em representar seu papel profissional. Os docentes investem afetivamente no exercício do papel da docência esperam um retorno afetivo por parte dos pais e alunos. Esse retorno age como motivador da conduta do docente.

Em alguns momentos, os afetos que aparecem atrelados aos sentidos atribuídos às suas práticas cotidianas são positivos e parecem se constituir como motivo para se manterem engajados na busca de ações mais efetivas para a promoção da aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos. (SOUZA; PETRONI; ANDRADA, 2013, p.529)

Esses aspectos são compreendidos por ela como dedicação, interesse, respeito e investimento que têm em sua base os afetos. Assim, resultam para ela como um retorno afetivo – os afetos que ela mobiliza no seu trabalho são retribuídos pelos alunos e sustentam seu investimento que permanece – a despeito de seu cansaço e desânimo provocados pela sua condição precária de trabalho. Esse retorno afetivo dos alunos – que para ela equivale ao reconhecimento de seu esforço e investimento – parece se objetivar no que ela chama de “salário invisível”. (Ibid., p.530)

São apontadas situações onde o desejo por um retorno afetivo dos pais dos alunos, manifestado pelo reconhecimento para com o trabalho do docente, também é presente até quando o mesmo não se faz conhecido. Demonstrando a importância do retorno afetivo como motivador.

Fica evidente em sua fala a relevância que os afetos assumem em sua prática: ainda que veja o resultado de seu investimento no brilho dos olhos de alguns alunos – e isso é o que parece motivá-la em suas ações –, há uma queixa velada sobre a falta de participação ou reconhecimento de seu esforço por parte dos pais. Embora declare nunca ter participado de uma reunião, ela espera ser reconhecida mesmo sendo desconhecida e deseja um retorno afetivo sem investir na relação – o que se revela contraditório. (Ibid., p.530)

Em contrapartida, em alguns momentos a afetividade traz desmotivação ao papel da docência. Essa afetividade desmotivadora também é vista como um fator alienante da condição do docente.

Logo, a afetividade assumiria o papel de fomentadora dos processos pedagógicos. Quando as necessidades afetivas não são satisfeitas, o cognitivo e o motor também são atingidos, pois, tudo está interligado. Ao professor, gera insatisfação e desmotivação, já que, quando o trabalhador motivado se empenha e não vê o retorno de seu trabalho, passa a sentir sua ação como esvaziada de sentido e não há como manter vivos os sentimentos de desejo e esperança. Assim, o docente passa a experimentar uma insatisfação permanente, que acaba por afetar sobremaneira o seu modo de ser e agir, chegando à produção de adoecimento. (Ibid., p.534)

[...] a questão do sofrimento aparece fortemente como constituinte do dia a dia de sua prática. Mais especificamente, o que predomina é a frustração por haver tantos afetos não correspondidos. Existe desejo de aceitação e reconhecimento, necessidade de estabelecimento de vínculos e inúmeros desejos frustrados pelas condições da realidade educacional e sociopolítica.

Há esperança e muitas intenções sinceras de se fazer um bom trabalho, mas esbarram nas determinações administrativas, nas rixas de dentro da escola e na própria limitação do aluno e do professor. Esses aspectos, somados às inúmeras pressões que rodeiam os docentes, geram sentimentos de solidão e abandono, injustiça e revolta.

O que vemos nos sentidos e significados da prática docente é que um desgosto é relatado com diversas topologias, dentre as quais a frustração parece estar na base de todas as representações afetivas de sofrimento ligadas à prática docente. Notamos que aquilo que desejam, necessitam, sonham e acham justo para si, para os alunos e para a educação soa um pouco utópico para a realidade brasileira com seus trâmites administrativos e políticos e para os déficits sociais e econômicos. Os professores estão conscientes de que há uma grande lacuna entre o que deveria ser feito e o que pode ser feito. Isso desperta, em todos os sujeitos, o sentimento de frustração, seja na forma de revolta, vitimização, solidão, desejo e esperança ou de necessidades (frustradas) de reconhecimento, vinculação ou, mesmo, aceitação. (Ibid., p.534-535)

Inferimos que, quando o professor não vê reconhecido o resultado de seu trabalho ou quando é considerado incompetente, emerge disso o sentimento de solidão pela falta de troca, apoio e reconhecimento. Ele se torna, então, um trabalhador alienado, que tem seu fazer esvaziado pela falta de sentido decorrente da impossibilidade de acessar, tomar o produto de sua ação e de seu trabalho. Esses fatores acabam gerando o que chamamos de condição de sofrimento. (Ibid., p.535)

Há ainda o apontamento da afetividade como motivadora da representação do papel de docente.

A análise dos dados da pesquisa e as reflexões que empreendemos ao longo de seu processo nos permitem afirmar que a afetividade está na base da constituição da identidade no trabalho. E, no caso do trabalho desenvolvido na escola, a afetividade, caracterizada como espaço de práticas sociais coletivas, assume ainda maior relevância por constituir-se concomitantemente à volição e compor a base de toda conduta ou pensamento, tal como afirma Vigotsky (1934/2005).

Logo, o ato de representar-se a si próprio como docente tem como motivação os afetos vivenciados neste papel, o qual, por ser configurado de

formas diversas pelos atores que exercem essa função, compõe diferentes personagens. (Ibid., p.535)

De forma semelhante, a afetividade é vista como importante motivador da interrupção do uso de crack durante a gestação. O sentimento de culpa, o medo e a preocupação com a saúde do bebê, o amor para com o filho e a vergonha aparecem como elementos afetivos motivadores da interrupção do uso desta substância química.

Percebe-se, portanto, que o uso do crack durante a gestação não envolve apenas questões relativas à saúde, mas também questões de ordem afetiva e social. (SILVA; QUEIROZ, 2018, p.47)

O sentimento de culpa é um dos que podem ser encontrados nos estudos, o qual pode atuar como motivador na interrupção do consumo de substâncias químicas durante a gestação (Conner, Longshore & Anglin, 2009; Goodman, 2009; Kassada, Marcon & Waidman, 2014. Tal fato está relacionado à exposição do bebê a algum tipo de risco proporcionado pelo uso do crack (Abruzzi, 2011; Diehl, Cordeiro & Laranjeira, 2011). Segundo La Taille (2006), a culpa decorre de uma ação que causa prejuízos a um outro que sofre as consequências dessa ação. No presente estudo, a culpa estaria ligada aos malefícios que a droga proporciona ao bebê e àqueles que estão a sua volta. (Ibid., p.41)

Junto ao sentimento de culpa, aparece também o medo como sentimento motivador para a interrupção (Freire, Padilha & Saunders, 2009; Kassada et al., 2014; Nery Filho, MacRae, Tavares & Rêgo, 2009; Oliveira & Nappo, 2014). Nas pesquisas, o medo aparece muito ligado à preocupação com a saúde do bebê (Abruzzi, 2011; Freire et al., 2009; Kassada et al., 2014). Dessa forma, o sentimento emerge diante de uma situação de risco e pode atuar como motivador para a interrupção do uso, tendo em vista evitar tal risco (Carvalho, Brusamarello, Guimarães, Paes & Maftum, 2011; Freire et al., 2009; Kassada et al., 2014; Ribeiro, Sanchez & Nappo, 2010; Souza, Mühlen, Coelho, Oliveira, Rodrigues, Oliveira & Strey, 2014). (Ibid., p.41)

Aplicando ao caso das gestantes usuárias de crack, a conduta de interromper o uso pode estar relacionada ao amor direcionado a criança, o qual está, por sua vez, ligado ao medo de causar prejuízos ao bebê, assim como de colocar em risco aqueles com quem possui laços afetivos (Economidoy, Klimi & Vivilaki, 2012; Kassada et al., 2014; Oliveira & Nappo, 2014). (Ibid., p.42)

O sentimento de vergonha é apontado como motivador para a interrupção do uso em algumas pesquisas (Cruzeiro, Queiroz, Alencar, Canal & Miranda, 2016; Goodman, 2009; Rosenkranz, Henderson, Muller & Goodman, 2012). A vergonha é o medo de decair perante os olhos dos outros e perante os próprios olhos (La Taille, 2002, 2006; Schimith, 2013). La Taille (2006) afirma que é impossível que alguém sinta vergonha estando sozinho. É preciso que o outro julgue negativamente o sujeito e que esse juízo seja legitimado por ele. Caso contrário, não há vergonha. No entanto, La Taille (2006) destaca que se pode sentir vergonha pelo que aconteceu ou pelo que acontece, bem como se pode sentir pelo que poderia acontecer. La Taille (2006) também destaca que a vergonha é referente ao eu, isto é, “sente-se vergonha do que se é” (p. 134). O sentimento de vergonha aparece nas pesquisas relacionado ao juízo negativo que a usuária faz de si, assim como algo que dificulta o acompanhamento pré-natal da gestante usuária, uma vez que ela se envergonha de afirmar seu uso, apresentando medo de ser retaliada pela equipe de saúde (Abruzzi, 2011; Freire et al., 2009; Lopes & Arruda, 2010; Martinez & Ferriani, 2004; Portela et al., 2013; Yamaguchi et al., 2008). (Ibid., p.42)

Além disso, a vergonha pode ter função motivadora para a interrupção do uso, uma vez que, na sua ausência, o uso é estabelecido, o que corrobora dados de outras pesquisas (Cruzeiro et al., 2016; Goodman, 2009; Rosenkranz et al., 2012). (Ibid., p.44)

A preocupação com a saúde do bebê é algo amplamente manifestado nas pesquisas (Abruzzi, 2011; Freire et al., 2009; Kassada et al., 2014). Abruzzi (2011) aponta para o surgimento do sentimento de apreensão entre as gestantes usuárias de crack diante da possibilidade de estar prejudicando seus filhos. De modo similar, o medo aqui é suscitado diante de um risco: fazer mal a outrem. A fim de evitar o risco, o medo vem atuar como motivador para a mudança de conduta (Carvalho et al., 2011; Freire et al., 2009; Kassada et al., 2014; Oliveira & Nappo, 2014). (Ibid., p.44)

A afetividade também é enxergada como motivadora da manutenção do uso do crack. A tristeza é apontada como um aspecto mantenedor do consumo da droga.

A tristeza também aparece como um sentimento motivador e relacionado, na maioria das vezes, ao início e manutenção do uso da droga (Bastos & Bertoni, 2014; Dietz, Santos, Hildebrandt & Leite, 2011; Gabatz, Schmidt, Terra, Padoin, Silva & Lacchini, 2013; Goeders, 2004; Marangoni & Oliveira, 2012; Olivenstein, 1980; Portela et al., 2013; Rezende & Pelicia, 2013; Rigotto & Gomes, 2002; Saide, 2011; Tavares & Almeida, 2010). Segundo Piaget (1954/2014), a tristeza pode ser gerada por uma conduta que leva ao fracasso, “um ato falido” (p.79). Dessa maneira, a tristeza se manifesta em um momento posterior à ação, que é marcado pela necessidade de uma regulação energética (Piaget, 1954/2014). Diante da tristeza, o uso de droga viria para anestesiá-lo e impedir que o sujeito a sinta; funcionando, assim, como um motivador para o uso das substâncias psicoativas (Bastos & Bertoni, 2014; Goeders, 2004; Marangoni & Oliveira, 2012; Portela et al., 2013). Em um contexto de rompimentos, perdas e infelicidade, o uso de drogas emerge como uma forma de inibir o que não é desejado (Hermeto, Sampaio & Carneiro, 2010). (Ibid., p.42)

Para Priscila, o sentimento de tristeza serviu como motivação para a continuidade do uso, assim como apontam os estudos (Dietz et al., 2011; Gabatz et al., 2013; Rezende & Pelicia, 2013; Rigotto & Gomes, 2002; Saide, 2011; Tavares & Almeida, 2010). Ela relata que, com o fim de seu relacionamento amoroso, sua vida acabou: “O céu desabou na minha cabeça, né? Aí eu... Pra mim, eu era feliz, depois que eu separei dele, minha vida acabou, entendeu?”. A continuidade do uso do crack veio como uma tentativa de amenizar o sentimento de tristeza causado pelo fim de seu casamento. Dessa maneira, a droga emerge como uma forma de lidar com o sofrimento vivido (Pratta & Santos, 2009; Rezende & Pelicia, 2013; Rigotto & Gomes, 2002). (Ibid., p.44)

Os afetos são vistos como motivadores da manutenção ou interrupção do consumo de crack. Ainda é apontado que a crença negativa sobre o consumo da droga durante a gestação não representou sua interrupção em todos os casos.

Conotações negativas foram apresentadas a respeito do uso de crack, especificamente no contexto gestacional. Destaca-se o fato de que, apesar de todas as participantes trazerem conotações negativas sobre o uso de crack durante a gestação, algumas mantiveram o uso durante todo o período. Tal dado corrobora a afirmativa de Matta et al. (2011) sobre a discrepância entre a crença e a atitude sobre o uso de drogas durante a gestação. Ademais, o referido dado também reforça a ideia de que, além dos aspectos cognitivos envolvidos na conduta do uso de crack, os sentimentos são o motor de tal conduta. (Ibid., p.46)

A partir do presente estudo, foi possível notar a importante atuação dos aspectos afetivos na motivação para a interrupção e/ou para continuidade do consumo de crack no período gestacional. Todo o contexto vivido por cada uma delas envolveu uma série de aspectos afetivos que agiram como motor para as mais diversas ações. A todo o momento, sentimentos foram relacionados a condutas, sejam elas de interrupção, sejam de continuidade. Esses dados corroboram com a participação da afetividade como motor da conduta, como propõe Piaget (1954/2014). Os sentimentos se apresentaram de maneiras diferentes, de acordo com as vivências da participante. Dessa forma, um mesmo sentimento pode atuar como motivador, tanto para o uso quanto para a cessação. (Ibid., p.46)

Outro ponto observado, agora no contexto dos cursinhos pré-vestibulares, é a ação da afetividade fortalecendo ou prejudicando a luta pelos bens sociais. Além disso, a dinâmica afetiva relacionada a desconfiança para com o cotista age na manutenção e reprodução do racismo no contexto citado.

A dinâmica afetiva intergrupal prevalecente é a relacionada à desconfiança da capacidade do cotista e ao sentimento de injustiça relacionado ao sistema de cotas; à raiva da discriminação e ao sentimento de culpa por ocupar vaga do outro. Essa dinâmica nos traz uma sociometria em que não há integração grupal ou um isolamento do negro em relação ao grupo. No fracionamento grupal predominou a desqualificação das questões raciais e raiva disso derivada (hostilidade intergrupal) x minimização dos conflitos raciais (desejo de união). Essas dinâmicas afetivas geram, pois, uma discriminação específica na experiência do sistema de cotas, sustentada por um mecanismo afetivo de poder que denominamos de “antiempatia”. Antiempatia é a indisponibilidade em se imaginar no lugar do outro e sentir seus sentimentos e razões, particularmente do universalista em relação ao negro e ao cotista. Esse mecanismo tem uma função eficiente de reproduzir o racismo e de manter o status quo social. (NERY; COSTA, 2009, p.215)

A afetividade grupal e os processos identitários podem fortalecer ou prejudicar o grupo na luta pelos bens sociais. Ao se subjugarem ao preconceito externalizado, ou silenciado, muitos estudantes cotistas se enfraquecem em sua união e organização política. Ao supervalorizar determinadas visões da política racial, muitos estudantes universalistas se unem e se fortalecem socialmente. (Ibid., p.218)

Essa síntese permitiu identificar a importância dada pelos três artigos a afetividade em relação ao contexto específico de cada estudo. Ela é vista como parte agente na conduta, seja na reprodução de preconceitos (como visto no preconceito relatado para com os cotistas), na interrupção/manutenção do uso do crack (como no caso das gestantes) ou na motivação/desmotivação para o desempenho de papéis (como no caso dos docentes).

4.2. A afetividade vista como sendo influenciada por um contexto específico

Os afetos também são vistos como sendo reflexo de um contexto histórico social vivido. Na base dos conflitos vivenciados no contexto escolar destacasse a afetividade. Os conflitos também geram afetos como visto na sensação de solidão e abandono vivenciada pelos docentes.

Vigotski (1931/2007) também vê a constituição do sujeito abalizada na integração de vários fatores e, sobretudo, dentro de uma perspectiva social. Aborda o sujeito a partir do princípio de que pensamento, cognição, afeto e

razão se constituem embasados na gama de experiências sociais e históricas por ele vivenciadas. Ou seja, o comportamento humano está intimamente ligado ao seu ambiente histórico e social, em um processo de mudança permanente, que envolve sempre contradições e não pode ser tomado, portanto, como linear. Logo, compreender a atividade docente dessa perspectiva implica analisá-la em suas manifestações contraditórias e paradoxais, inseridas em um contexto de produção que impõe aos profissionais determinadas condições materiais de trabalho que são, a um só tempo, produto e condição de sua ação. É essa complexidade que temos buscado compreender e, no caso deste artigo, especialmente em relação ao aspecto afetivo das relações escolares. (SOUZA; PETRONI; ANDRADA, 2013, p.533-534)

Os afetos, entendidos como o conjunto das emoções, sentimentos e paixões que constituem o psiquismo humano, tal como o concebe Wallon (1979, 1981), também estavam na base dos conflitos que se apresentam na escola, incluindo as relações com as famílias e a comunidade, com a gestão e com o sistema de ensino. (Ibid., p.527)

Nos afetos manifestados pelos sujeitos, é tangível a influência sociopolítica e cultural na constituição da identidade dos professores. Ao analisarmos suas falas, vemos como elas estão permeadas de construções resultantes da influência do contexto. (Ibid. p.532)

Esta sensação de trabalho árduo sem reconhecimento e com muitas críticas confere um sentido que podemos interpretar como solidão e abandono, já que o professor demonstra se sentir isolado e criticado perante outros que desconhecem as intempéries de sua atividade profissional (Ibid., p.531)

Também é visto que no papel desempenhado pelo estudante cotista e o universalista há um processo de assimilação afetiva de elementos histórico-sociais.

A aprendizagem dos novos papéis sociais de estudante cotista e de estudante universalista inclui um processo de assimilação afetiva de elementos sociais, históricos, culturais e políticos que estavam em estado caótico na sociedade. Esses elementos, ao serem reordenados com base em relações de poder (concepção, implantação e vigência de uma política afirmativa), passam a dar forma a uma nova experiência existencial. (NERY; COSTA, 2009, p.217)

4.3. A Afetividade vista como parte constituinte dos processos identitários

Também é percebido a visão da afetividade como parte constituinte da identidade. No contexto da docência a afetividade é fortemente percebida na forma como os docentes enxergavam este papel e a execução do mesmo.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, no entanto, deparamo-nos com outros aspectos do sujeito que eram proeminentemente representativos de seu modo de conceber a docência e a si próprio como docente: as emoções e os sentimentos emergiam com grande força no movimento de constituição da identidade docente. (SOUZA; PETRONI; ANDRADA, 2013, p.527)

Ou seja, no estudo que ora propomos, buscamos demonstrar como os afetos presentes nas relações empreendidas pelos professores objetivam a constituição de sua identidade docente, revelada por suas concepções de educação, de aluno e de ensino-aprendizagem. Essa objetivação deve ser entendida, a um só tempo, como expressão e fundamento da condição de exercício da docência. (Ibid., p.529)

Sob um olhar teórico walloniano a afetividade é vista no meio das diferenciações entre o si mesmo e o outro, que representam um desenvolvimento vivido em toda a vida do sujeito.

Para Wallon (1979), afetos, cognição, personalidade e meio se interpenetram, se chocam e, nessa dinâmica de contradições, o sujeito se constitui e se diferencia dos outros de suas relações. Para ele, essa é a própria noção de desenvolvimento. Por isso, na concepção walloniana, o desenvolvimento do sujeito ocorre ao longo de sua vida inteira, desde que haja a diferenciação dinâmica e constante entre sujeito e meio. (Ibid., p. 533)

Outro ponto é a visão da identidade como sendo composta através dos diversos laços afetivos desenvolvidos. Essas relações interpessoais promovem mudanças nos processos identitários e nas representações de papéis.

A identidade se constitui, pois, do sentimento de pertença, dos laços afetivos entre as pessoas e das identificações que elas sentem em relação a diversas características que geram articulações políticas. (NERY; COSTA, 2009, p.217)

A afetividade intergrupal promove interferências específicas nos processos identitários, ou seja, no desenvolvimento da identidade dos papéis de cotista e de universalista, neste histórico contexto inclusivo. (Ibid., p.215)

4.4. Coexistência paradoxal de afetos negativos e positivos

Também percebemos a visão dos afetos em uma dinâmica de coexistência paradoxal. Na vivência dos docentes é visto afetos positivos e negativos em relação ao papel representado.

Ao mesmo tempo em que dizem gostar da profissão e da relação com os alunos, os professores destacam que se sentem desamparados, sem apoio pedagógico ou afetivo para a resolução de problemas que enfrentam, o que, muitas vezes, gera outros sentimentos, como perda, frustração e impotência. (SOUZA; PETRONI; ANDRADA, 2013, p.530)

Nessa mistura, são experimentados afetos opostos e paradoxais. Sentimentos como esperança e desejo, de natureza positiva, convivem com outros de natureza mais negativa, como injustiça e revolta, em um movimento dialético permanente, constituído e constituinte no e pelo contexto em que atuam os professores. Logo, esse movimento, produzido pela ação docente, produz, ao mesmo tempo, as condições dessa mesma docência. Esse fato permite afirmar que os professores vivem a docência ora como experiência afetiva positiva e ora como negativa. (Ibid., p.533)

Notamos nas falas relatadas anteriormente que os aspectos afetivos assumem relevância nas vivências dos professores. São facetas que revelam carinho pela profissão e pelos alunos, prazer em lecionar, ganhos que transcendem a remuneração financeira. Observamos, também, sentimentos de solidão, de sobrecarga advinda da responsabilidade, de autocobrança e de revolta pela pressão social frente aos fracassos produzidos pelo sistema educacional. Ao mesmo tempo em que se evidenciam indicadores de desprazer pela profissão, paradoxalmente revelam-se, em outros momentos, aspectos gratificantes da docência como de extrema importância na vida dos professores. (Ibid., p.533)

4.5. Discussão

Os resultados levantados nos permitem refletir sobre as construções identitárias na Sociedade Líquida. As temáticas apresentadas aparentam demonstrar relações entre a afetividade e a identidade possibilitando que tracemos reflexões.

Com base na análise dos resultados, verificou-se que a temática com maior recorrência é a “A afetividade vista como norteadora de conduta”, estando presente em todos os artigos. Esse fator pode ser associado ao foco narrativo dos artigos selecionados. Como apontado por Le Breton (2009) o homem está afetivamente presente no mundo. Um mundo permeado de papéis e narrativas. Papéis representados por indivíduos que são atravessados pelos afetos constantemente.

Os afetos são apresentados como norteadores das condutas elencadas. Esse norte age positivamente e negativamente. Como apontado por Bauman (2005) a vida líquida é uma constante incerteza, investir afetivamente em algo ou alguém é um investimento incerto. O reflexo desse investimento incerto pode ser visto em alguns relatos, em que a afetividade é precursora da desmotivação do docente. Quando o retorno afetivo esperado pelos docentes não é alcançado geram sentimentos e emoções que desmotivam a representação desse papel. Esse ponto também pode estar relacionado a falta de segurança ontológica, explicada por Giddens (1991). O resultante da descontinuidade da auto-identidade do docente daria luz a condição alienante vivenciada.

Em contrapartida, no contexto das gestantes a afetividade não é demonstrado como um investimento de risco. Ela é vista como um complemento das crenças das próprias gestantes quanto aos malefícios causados pelo consumo do crack durante a gestação. Essas crenças, por sua vez, se ligam a estigmas e paradigmas construídos socialmente sobre a dependência química e também sobre a maternidade. Como aponta Le Breton dentro de um “mesmo grupo, um repertório de sentimentos e de condutas é tido por apropriado a uma situação em função do status social, da idade e do sexo daqueles que são atingidos, bem como de seu público” (Le Breton, 2009, p. 127). O papel de mãe entra em conflito com o papel da adicção e os estereótipos sociais construídos sobre estes. Dessa forma Le Breton (2009) afirma que um repertório de sentimentos e ações é dito como apropriado em determinados contextos. É possível supor que os afetos desmotivadores ou motivadores para a interrupção do consumo de crack, vivenciados pelas gestantes, estão ligados a elementos sociais e também a formas individuais, ligada a vivências particulares, de como cada gestante lida com tais construções.

Ainda em relação a conduta, a afetividade é vista como mantenedora do racismo e da desconfiança para com a capacidade dos alunos cotistas. Essa questão reflete mais uma

vez a reprodução de estruturas sociais. Como visto em Ciampa (1989) e Bauman (2005) a subjetividade do sujeito está atrelada a um contexto histórico, desta maneira, podemos observar que a afetividade age como mantenedora e reprodutora de um aspecto histórico, o racismo.

Outra temática elencada no decorrer da depuração dos dados enxerga a afetividade não como mantenedora ou reprodutora de uns aspectos socialmente construídos, mas como resultante destes. Seja no contexto escolar vivido pelos docentes ou no contexto de cursinhos preparatórios. Os afetos também agem como resultante de eventos vividos. O homem está presente no mundo e é afetado por ele. Nas palavras de Le Breton:

O homem não se insere no mundo como um objeto atravessado de sentimentos passageiros. Intricado em suas ações, suas relações com os outros, com os objetos que o entornam, com o seu meio, etc., ele está permanentemente sob influência dos acontecimentos e sendo por eles tocado. (LE BRETON, 2009, p.112)

A afetividade também é vista na constituição dos processos identitários. Estando presente na forma como os papéis desempenhados são vistos ou manifestos e nas relações interpessoais que promovem mudanças nos processos identitários. Até aqui podemos perceber um sujeito que influencia e é influenciado pelo meio que está inserido. A afetividade aparenta também fazer parte deste processo. Ela é a demonstração da subjetividade do sujeito na representação dos papéis, mas também pode ser fruto de um contexto histórico social.

Neste contexto, a quarta temática, intitulada “coexistência paradoxal de afetos negativos e positivos”, apresenta as contradições afetivas presentes na representação do papel de docente. Tal ambivalência também é vista por Bauman. Nas palavras do autor:

As relações interpessoais, com tudo o que as acompanha – amor, parcerias, compromissos, direitos e deveres mutuamente reconhecidos –, são simultaneamente objetos de atração e apreensão, desejo e medo; locais de ambiguidade e hesitação, inquietação, ansiedade. (BAUMAN, 2005, p.68-69)

Essas contradições também nos remetem a concepção de identidade como metamorfose de Ciampa (1989). O autor contrapõe o ideal rígido e estático da identidade, apresentando o caráter metamórfico da subjetividade humana, que é marcada por constantes contradições, crises, mudanças e transformações. A vivência do docente pode ser compreendida através desse caráter metamórfico, marcado por contradições e metamorfoses.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível identificar que os artigos analisados enxergaram uma ligação entre a afetividade e a identidade, cumprindo assim o objetivo inicial da pesquisa. Essa ligação é principalmente vinculada a conduta dos papéis representados, sendo apontada por todos os

artigos. Também há referências, menos recorrentes, a afetividade como resultante de contextos sociais e como participante de processos identitários. Por fim, ela é vista em alguns momentos como um elemento paradoxal na subjetividade. Esses pontos ressaltados refletem a importância da afetividade na identidade.

Possíveis limitações do estudo se referem, principalmente, ao baixo número de artigos analisados. Esse baixo número está ligado aos critérios escolhidos na procura dos artigos, esses critérios por sua vez visaram preservar o olhar para as narrativas. Mesmo que o estudo qualitativo promova um grande volume de conteúdo, o baixo número de artigos e a diferença teórica dos mesmos representou um desafio na interpretação dos dados.

Ao analisar como a relação entre a identidade e a afetividade, presente nos diferentes artigos, foi possível perceber como esta interfere positivamente e negativamente em situações diversas. Acredita-se que esses resultados podem ser úteis para frisar a importância da afetividade na superação de diversos problemas sociais. Os artigos analisados, de certa maneira já apontaram como a afetividade influencia em grupos como gestantes que fazem uso do crack e alunos cotistas. Considera-se que mais estudos sobre a temática sejam muitos pertinentes para se ampliar o conhecimento, trazendo possíveis intervenções que acarretem benefícios para classes sociais que muitas vezes estão à margem da sociedade. Investigações que destrincham, por exemplo, a influência da afetividade na conduta humana podem contribuir para se pensar estratégias que utilizam este importante elemento para a vida em seu âmbito individual e social.

6. REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CIAMPA, A. C. **A estória de Severino e a história de Severina: Um Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense. 11ª reimpressão, 1987/2009.

_____. Identidade. In: CODO, Wanderley; LANE, Silvia T.M. (orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FURLAN, Vinicius; HOLANDA, Renata Bessa; CASTRO, Emanuel Messias Aguiar de. **Identidade Metamorfose e Identidade Narrativa**. 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320404016_Identidade_Metamorfose_e_Identidade_Narrativa>. Acesso em 04 març 2020.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. In: Silva, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 103-130.

LE BRENTON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

NERY, Maria da Penha; COSTA, Liana Fortunato. **Política afirmativa racial: polêmicas e processos de identidade do cotista universitário**. Psico-USF (Impr.), Itatiba, v. 14, n. 2, p. 211-220, Aug. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712009000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 jul 2020.

SILVA, Rovenia Esmidre; QUEIROZ, Sávio Silveira de. **A motivação para a interrupção ou uso de crack em gestantes e puérperas**. Rev. Subj., Fortaleza, v. 18, n. 3, p. 39-50, dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692018000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 13 jul. 2020.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; PETRONI, Ana Paula; ANDRADA, Paula Costa de. **A afetividade como traço da constituição identitária docente: o olhar da psicologia**. Psicol. Soc., Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 527-537, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 jul 2020.

WALLON, Henri. **A Psicologia e educação da criança**. Lisboa: Veja Editora, 1979.

Contatos: hterrao@hotmail.com e antonio.gomes@mackenzie.br